

# **Atitudes Homofóbicas: as percepções, receios e preconceitos no seio das famílias.**

**Ana Margarida Mendes Mineiro**

Mestranda em Ciências da Educação  
Faculdade de Psicologia e ciências da educação  
Universidade de Coimbra

**Maio de 2010**

## **Estado de Arte**

As atitudes que temos perante determinados assuntos, situações ou para com as pessoas, influenciam decisivamente as nossas condutas, particularmente se estão sujeitas a polémicas e, ainda mais, se nos sentimos pessoalmente comprometidos. Sabe-se que perante questões indiscutíveis, as nossas atitudes estão basicamente definidas, não podendo ser postas em causa, nem por nós, nem pelos outros (López & Fuertes, 1988). Contudo, quando falamos de assuntos, como a sexualidade, que trás consigo associados temas como a homossexualidade, a identidade de géneros, a orientação sexual, etc., facilmente nos sentimos implicados, o que por ser um conteúdo tão polémico, gera grande diversidade de atitudes e comportamento face ao tema.

Verificamos assim, que tais atitudes são predisposições que valorizam ou desvalorizam determinados assuntos, resultado das experiências e de condutas de vida aprendidas através dos outros. Estas condutas influenciam de forma clara os sentimentos, as opiniões e as propensões de agir de cada um. Falamos então, de opiniões ou crenças que, quando não são reforçados com dados científicos ou por alguém perito no assunto, facilmente são discutíveis, podendo surgir convicções como: os homossexuais são mais perigosos que os heterossexuais ou os homossexuais são menos agressivos que os heterossexuais e mais sensíveis e delicados (López & Fuertes, 1988). De entre as várias concepções de atitudes mencionadas pelos autores, refira-se as atitudes pessoal compreendidas como as conservadoras – aquelas que vão muito ao encontro do que é convencionalmente aceite pela sociedade face à sexualidade – e as liberais – aquelas que vão para

além dos termos convencionais, alegando uma visão mais progressista das coisas e do mundo.

Ao analisarmos a literatura verificamos que associado às atitudes face à sexualidade e às orientações sexuais está cada vez mais presente o termo homofobia, como sinónimo da aversão, do medo, de vários sentimentos de desaprovação face à orientação sexual distinta do outro, levando consequentemente a atitudes de preconceito e de discriminação contra pessoas LGBT – *Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais* - ou outros representantes e apoiantes associados. No entanto, devemos ter em mente que as atitudes de homofobia não são exclusivas dos heterossexuais, existindo igualmente homossexuais que ostentam o mesmo tipo de atitudes ou comportamentos face a pessoas heterossexuais, apesar de ser de forma diferente (Suplicy, 2000, cit. por Rodrigues, 2006).

Numa outra concepção Kimmel (s.d) refere que a homofobia é o esforço que uma pessoa faz para suprimir o desejo face a pessoas do sexo oposto, definindo-se as relações que queremos ter com outros homens, com mulheres, com crianças, assegurando que nunca ninguém vai confundir uma outra pessoa com um homossexual. Esta fuga homofóbica em estabelecer intimidade com outros homens ou mulheres é vista como num repúdio face aos homossexuais, algo que fica internalizado dentro da pessoa, sendo uma tarefa que nunca é totalmente clara e que por isso é constantemente revalidada em cada relação *homosocial*. O autor refere ainda que este sentimento acaba por ser um princípio organizador da nossa definição cultural do que é a masculinidade, assumindo-se como um medo irracional face aos homossexuais e como tal acrescenta que a homofobia é o medo de que os outros nos desmascarem, nos castrem, nos revelem a nós mesmos e ao mundo que não atingimos os *standards* e que não somos verdadeiros homens/mulheres como pensávamos. É termos medo de que os outros vejam que temos receio pelo facto sentirmos insegurança face à nossa sexualidade, criando-se por vezes momentos de desorientação e repulsa intensa face a tudo o que possa pôr em causa a nossa estabilidade pessoal. Isto torna-nos mais envergonhados, pois o reconhecimento dos outros sobre nós mesmos é uma prova de que na verdade não somos assim tão viris como pensávamos, havendo um medo pela humilhação que se possa sofrer. Em certos casos o medo é de tal ordem, sendo posta em causa a própria vida.

Importa assim perceber e compreender que a homofobia está representada como uma face visível do heterossexismo, havendo um reforço na dificuldade de aceitação da *diferença* sexual, algo que podemos compreender melhor na concepção de heterossexismo mencionada por Carneiro (2009), como sendo uma representação de valores, de crenças e costumes destinados a estigmatizar qualquer outra forma de orientação sexual que não seja a considerada a “normal”, ou seja, a heterossexualidade. Refere ainda que, associada a esta noção surge conseqüentemente a estigmatização que leva a que a homossexualidade seja vista como uma violação às normas identitárias e da relação que estratégica e perversamente se estabelece entre estas “normas” e os papéis de género, ou seja, os *gays* são representados como menos masculinos e as *lésbicas* como mulheres mais masculinas, por referência aos heterossexuais.

Está assim presente a ideia de que pensar nas “homossexualidades” como um modo único de *ser* é a base do estereótipo e da atribuição de propriedades universais às múltiplas vivências que estão associadas à homossexualidade. Carneiro (2009)

Como refere Vieira (2003, pp.144) na sua tese sobre *Educação e desenvolvimento do género*, é usual os membros de um determinado *grupo social* tenderem a ser avaliados da mesma forma, como se os indivíduos pertencessem a categorias internamente homogéneas e desteajuizamento resulta de forma clara, a omissão da variabilidade que é possível observar no seio de cada grupo específico. Nesta mesma linha Simões (1985, cit. por Vieira, 2003, p.143) defende que os estereótipos constituem são: “generalizações abusivas, isto é, aplicadas de maneira geral uniforme, a todos os membros de um grupo (admitindo-se poucas excepções); extremas, ou seja, atribuídas, de forma superlativa (...); mais frequentemente negativas do que positivas”.

Daqui facilmente depreende-se que a homofobia tem estado fortemente associada a comportamentos e atitudes de racismo assim como a estereótipos de várias ordens e devido à sociedade tradicional e moralista actual, onde o tema sobre a orientação sexual e as diferenças a esta associada, é algo de que ainda não se fala abertamente no seio familiar, o mais provável é que a maioria dos pais fique um pouco desorientada em falar de tais assuntos com os filhos e quando o fazem é,

na maioria as vezes, usando um discurso carregado de estereótipos e generalizações mal consolidadas. E como no diz Rodrigues (2006) ao referir-se ao modelo sistémico da teoria de Bertalanfy, a família é encarada como um sistema total, onde as acções e os comportamentos de um dos membros influencia e simultaneamente é influenciado, pelos comportamentos de todos os outros membros. Ou seja, indo ao encontro do que falávamos anteriormente, haverá uma maior probabilidade de os filhos adoptarem concepções, comportamentos e percepções semelhantes às dos pais face à homossexualidade, *quer para o bem quer para o mal*. Falamos portanto de atitudes e comportamentos de tolerância, respeito e compreensão face à diferença, às aparências e às realidades de outros indivíduos.

### **Bibliografia**

- Carneiro, N.(2009). *Homossexualidades – Uma psicologia entre ser, pertencer e participar*. Oliveira de Azeméis: Livpsic.
- López, F., Fuertes, A.(1988). *Para comprender la sexualidad*. Spain: Verbo divino
- Pinheiro, M. (2003). *Uma época especial: suporte social e vivências académicas na transição e adaptação ao ensino superior*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação - Psicologia da Educação. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra.
- Toneli, M (2006). *Homofobia em contextos jovens urbanos: contribuições dos estudos de género*. PSIC - Revista de Psicologia, v. 7, nº 2.Vetor Editora Universidade Federal de Santa Catarina. (pp. 31-38). Consultado a 8 de Abril de 2010 em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psic/v7n2/v7n2a05.pdf>
- Rodrigues, A. (2006). *A homofobia como sintoma na família*. Universidade de Estadual Paulista. Consultado em 8 de Abril de 2010 em [http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/anais\\_do\\_XIX\\_encontro/71\\_aretusa\\_de\\_paula\\_rodrigues.pdf](http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/anais_do_XIX_encontro/71_aretusa_de_paula_rodrigues.pdf).ENCONTRO/71\_ARETUSA\_DE\_PAULA\_RODRIGUES.pdf.
- Vieira, C. (2003). *Educação e desenvolvimento do género: os trilhos percorridos na família*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação - Psicologia da Educação. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra.

- Kimmell, M. (1997). *Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina*. ISIS-FLACSO, nº24, (pp. 49-62). Ediciones de Mujeres. Santiago de Chile, Chile. Consultado a 8 de Abril de 2010 en <http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/Kimmel.pdf>
- <http://www.rea.pt/>